



**INSTITUTO JUNGUIANO DA BAHIA  
CURSO DE PSICOTERAPIA ANALÍTICA**

**MARIA DE LOURDES OLIVEIRA REIS DA SILVA**

**ANÁLISE DO NAZISMO POR CARL GUSTAV JUNG  
À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**SALVADOR  
2022**

**MARIA DE LOURDES OLIVEIRA REIS DA SILVA**

**ANÁLISE DO NAZISMO POR CARL GUSTAV JUNG  
À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicoterapia Analítica, do Instituto Junguiano da Bahia, como requisito parcial de conclusão de curso.

**SALVADOR  
2022**

Dedico este trabalho aos meus filhos, companheiros  
de caminhada evolutiva.

## **AGRADECIMENTOS**

Acima de tudo ao Deus da vida, interioridade, caminho, segurança constante no meu processo de individuação; neste momento existencial como espírito buscador de oportunidades de crescimento e de reencontro comigo mesma.

Aos meus filhos, pela compreensão e respeito quanto as minhas escolhas e realizações.

Aos professores do curso, com quem compartilhei e aprendi nas trilhas da vida em constante formação.

Aos colegas do curso, pela vivência e presenças carinhosas, pelos momentos de alegria, de descobertas e de aprendizado.

Devo curvar-me diante de ti, luz do Oriente! Verdadeiramente, o mundo está incendiado por toda parte, em todos os lugares tudo está em chamas, em todos os lugares flameja a chama da loucura.  
Dá-nos a sagrada contemplação e a paz da superação, para que nosso coração se aquiete e abandone a ferosa ilusão da maldade e vingança.  
Dá-nos o silêncio, a sombra que antecede a eternidade vindoura.

C. G. Jung. Livro Negro, v. 6, p. 269.

## RESUMO

Este trabalho de investigação histórica e bibliográfica traz reflexões sobre a Psicologia Analítica e o Nazismo, a partir dos posicionamentos de Carl Gustav Jung a respeito do período histórico vivenciado pela Alemanha, com reflexos em todos os recantos do planeta. Jung fez uma análise criteriosa sobre esse momento político, que teve repercussões para toda a humanidade. Expôs seu pensamento em diferentes momentos de suas Obras Completas. Desde então, concepções se encontram e se presentificam no pensamento de estudiosos com diferentes visões sobre Jung e o Nazismo. O objetivo deste estudo está direcionado para uma análise criteriosa e fiel à verdadeira posição de Jung; ao ser convocado pelos seus colegas para contribuir com a continuidade da Psicoterapia, num momento em que Freud, psicanalista austríaco, filho de uma família judia e psicoterapeutas judeus estavam impedidos de participar de organizações e estudos psicoterápicos na Alemanha. Com ênfase nos aspectos inerentes ao processo de individuação dos seres humanos ao longo de sua própria história, Jung fez acurados estudos sobre fenômenos religiosos, sociais e políticos. Buscando fontes na história da humanidade, detendo-se na reflexão sobre a alma humana e seus conteúdos arquetípicos, que são as “representações primordiais coletivas”; encontradas em diferentes convicções filosóficas que interferem e influenciam o processo evolutivo da humanidade, com suas repercussões na busca do poder e da dominação do homem pelo homem.

**Palavras-chave:** Psicologia Analítica. Nazismo. Psicoterapia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2 JUNG ANALISA O NAZISMO E SUA PARTICIPAÇÃO NO CONTEXTO DA ZENTRALBLATT FÜR PSYCHOTHERAPIE .....</b>	<b>09</b>
<b>2.1 Contribuições da Psicologia Analítica .....</b>	<b>09</b>
<b>2.2 A Psicoterapia no Contexto do Nazismo .....</b>	<b>13</b>
2.2.1 Associações e Sociedades de Psicoterapia .....	13
2.2.2 Jung na Associação de Medicina Geral para Psicoterapia e na Zentralblatt für Psychotherapie .....	15
<b>3 BREVE OLHAR PARA O NAZISMO NO CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XX .....</b>	<b>19</b>
<b>3.1 Antissemitismo Como Fato Histórico .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2 O Fenômeno Hitler e a Estruturação do Nazismo .....</b>	<b>22</b>
3.2.1 Hitler e seu olhar sobre si mesmo .....	24
3.2.2 Hitler, criatura e criador do Nacional-Socialismo .....	27
<b>3.3 O Nacional-Socialismo .....</b>	<b>30</b>
3.3.1 A Máquina da propaganda nazista .....	33
3.3.2 O nazismo no imaginário popular .....	34
3.3.3 Hitler no imaginário de jovens estudantes .....	36
<b>3.4 Guerra e Paz, busca e controvérsias entre nações .....</b>	<b>38</b>
3.4.1 O Tratado de Versalhes .....	39
3.4.2 O Código de Nuremberg .....	40
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXO A – Mapa conceitual da primeira guerra mundial .....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO B – Mapa conceitual da primeira guerra mundial .....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Há uma tendência na história da humanidade para a política se organizar em ciclos, e Jung estudou e refletiu sobre como isto se dá em diferentes épocas, considerando o conhecimento construído pela ancestralidade dos povos e a interferência do inconsciente coletivo na experiência pessoal, social e política da humanidade. Ele fez uma análise sobre o surgimento do Nazismo e a atuação de Hitler, colocando-se como cidadão do mundo e seu foco foi a alma humana, o ser em si, não importando crenças, nacionalidade ou visões político-partidárias.

Partindo dos seus estudos sobre a alma, o si-mesmo, as experiências pessoais, o inconsciente coletivo e o pertencimento do ser humano ao espírito de sua época, como influenciadores das aspirações pessoais e coletivas, de seu desenvolvimento psíquico como ser individual e social; Jung se dedicou ao estudo de fatores vivenciais e inconscientes que forjaram a personalidade de Hitler e as concepções nazistas como força de poder e dominação. Em diferentes momentos de suas obras completas ele registrou resultados de suas análises de forma corajosa e fiel a seus princípios e a sua visão de mundo. Inserindo-se nesse processo como homem do seu tempo e pesquisador do processo psíquico como forma de compreender o si-mesmo, como pessoa no mundo.

Para tanto, ele preferiu encarar e realizar o seu desejo como o homem que observa, participa e se insere com atitude crítica e visão de mundo. Um mundo que se interconecta com o passado, o presente e as possibilidades de produção de eventos futuros a partir das relações inerentes ao momento histórico vivencial. Ao analisar o nazismo a partir da concepção de arquétipos do inconsciente coletivo, ele buscou demonstrar a interferência dessa instância psíquica, na experiência pessoal, social, religiosa e política da humanidade. Opressão, martírio, heroísmo, fé, são facetas do homem no mundo.

Não há como distanciar a psicologia das reflexões sobre os fenômenos históricos, políticos e sociais. E quando Jung desenvolveu o conceito de *anima mundi* (alma do mundo), percebeu que há um sentido psicológico inerente aos próprios fenômenos, desvendando as possibilidades arquetípicas. O viver coletivamente carrega o sentido psicológico que não se coaduna com caminhos e rotas preconcebidas; mas com a busca da alma, o ser vital do si-mesmo e da psique coletiva.



Este estudo foi realizado a partir de uma pesquisa histórica e bibliográfica, que objetivou um conhecimento a respeito de acontecimentos do período que precedeu a Primeira Guerra Mundial até o final da Segunda Grande Guerra em 1945, com a derrota de Hitler. Jung se preocupou em estudar a estrutura psíquica do ser humano, buscando conhecer e produzir um saber sobre o lugar do homem no seu processo de individuação, a partir das experiências individuais e coletivas.

Jung nasceu em 1875, em Kessiwil, no lago de Constança. Seu pai era um pastor da Igreja Suíça Reformada. Em 1913 escreveu os Livros Negros, registros de suas autoexperimentações, que deu o nome de “imaginação ativa”. Escreveu memórias sobre experiências de sua vida que foram compiladas no seu livro “Memórias, Sonhos, Reflexões”. Essas memórias podem ser vistas como uma introdução ao *Liber Novus*, O Livro Vermelho, escrito durante a Primeira Guerra Mundial.

Depois de sua morte em 1961, os originais de “O Livro Vermelho” e dos “Livros Negros” ficaram guardados no seu gabinete de trabalho, aos cuidados de seu filho Franz Jung. Jung declarou em 1957 que eram registros autobiográficos e ele não queria que fossem incluídos nas Obras Completas. A “Sociedade dos Herdeiros” respeitou o desejo de Jung por muitos anos até que fizeram uma análise das obras e decidiram publicá-las. Em 2009 foi publicada a edição em Inglês de “O Livro Vermelho” e em 2013 foram liberados os direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil, pela Editora Vozes Ltda. Em 2020 foi liberada a publicação dos Livros Negros, pela Editora Vozes Ltda.

Com todo esse acervo de estudos realizados durante sua vida e publicados em diferentes momentos de sua história de vida e pós-morte, ele ofertou para a humanidade, conhecimentos e preciosas descobertas sobre a vida psíquica do ser em si. Bem como saberes a respeito da ancestralidade de cada ser no seu momento histórico vivencial. Consagrando ainda a sua crença sobre a alma humana como instância psíquica do ser, seu próprio centro e sua sobrevivência após a morte do corpo.

## 2 JUNG ANALISA O NAZISMO E SUA PARTICIPAÇÃO NO CONTEXTO DA *ZENTRALBLATT FÜR PSYCHOTHERAPIE*

A psicologia do indivíduo corresponde à psicologia das nações. As nações fazem exatamente o que cada um faz individualmente; e do modo como o indivíduo age, a nação também agirá. C. G. JUNG, 1916<sup>1</sup>

### 2.1 Contribuições da Psicologia Analítica

Além de seus estudos sobre os aspectos inerentes ao processo de individuação dos seres humanos ao longo de sua própria história, Jung fez acurados estudos sobre o fenômeno religioso, social e político. Buscou fontes na história da humanidade, detendo-se na reflexão sobre a alma humana e seus conteúdos arquetípicos, que são as “representações primordiais coletivas”, um “substrato anímico”, de caráter originário. Cujos registros são encontrados em diferentes religiões e culturas, ressaltando a importância de consagrar um novo sentido aos valores que a tradição cultua. Ele nomeou o conjunto destes elementos estruturais por inconsciente suprapessoal ou coletivo. Para Jung o inconsciente não se reduz apenas a conteúdos reprimidos como defendia Freud, mas contém o conteúdo psíquico que subjaz ao limiar da consciência. Considerou a impossibilidade de se “supor que a estrutura peculiar da psique seja a única coisa no mundo que não tem qualquer história além de suas manifestações individuais. É impossível negar que a nossa consciência tenha uma história que abrange cerca de cinco mil anos” (2014, § 518).

Constituindo-se em duas instâncias: uma relacionada com as experiências pessoais, o inconsciente pessoal, que contém lembranças e evocações dolorosas, percepções que não atingiram a consciência e correspondem à figura da sombra, que aparece com frequência nos sonhos de modo simbólico; e outra, mais profunda, o inconsciente coletivo,

uma figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação multimilenar da experiência, [cujos traços dessa figuração] os denominados *arquetipos ou dominantes* – os dominadores, os deuses, isto é, configurações das leis dominantes e dos princípios que se repetem com regularidade à

---

<sup>1</sup> Psicologia do Inconsciente. OC v. 7/1, p. 10.

medida que se sucedem as figurações, às quais são continuamente revividas pela alma (JUNG, 2014, § 151).

E na visão de Jung, as figurações, como formas representativas dos arquétipos que se repetem de forma semelhante, podem ser transferidas conceitualmente e de forma elucidativa “da experiência, diretamente ao fenômeno físico – o éter, o elemento arcaico do sopro da alma” (Ibid., 151). Ao incluir nos seus estudos a alma como uma instância psíquica e o seu próprio centro, ele reconhece o sentido espiritual e imortal do Ser no seu processo de individuação, que é o tornar-se um, em si-mesmo, inserido na consciência do mundo, no processo histórico da humanidade. E sujeito às configurações do *zeitgeist*, caracterizando-se de acordo com as representações de seu momento histórico. E sua alma, integrada na anima mundi, conserva suas características intrínsecas, fator de diferenciação de si no mundo com outros. E sobre a alma humana, ele diz: “pertence às regiões mais obscuras e misteriosas da nossa experiência” (JUNG, 2012, § 2).

Inserindo-se como protagonista da história da humanidade e da produção do conhecimento sobre a psique e suas relações consigo e com outros, Jung não perdeu de vista as diferentes experiências do ser individual e indivisível, como protagonista de sua própria história, e, ao ser indagado sobre a sua crença em Deus, ele respondeu: “*I do not believe, I know*” (cf. 2011, p. 8). Tal resposta foi fundamentada nos seus conhecimentos sobre a natureza psíquica do Ser, do si-mesmo, vivenciando as manifestações do inconsciente, como pessoa. O “espírito da profundidade”, sua conexão com o sagrado, o conduziu a uma reflexão sobre o Divino.

Compreendi que o Deus, que procuramos no absoluto, não há de ser encontrado no belo, bom, sério, elevado, humano, nem mesmo no divino absolutos. Lá estive uma vez Deus.

Entendi que o novo Deus está no relativo. Se Deus é o belo e bom absolutos, como deve abranger a plenitude da vida, que é bela e feia, boa e má, ridícula e séria, humana e inumana? Como pode o ser humano viver no seio da divindade, se a divindade só se aceita na sua metade? [...] Por isso Cristo teve de descer ao inferno após sua morte, caso contrário sua subida ao céu se teria tornado impossível. (JUNG, 2015, p. 150).

E ele continua a sua reflexão no sentido de que a consumação do bem e do belo, de forma unilateral, suprema e absoluta, impede que o ser humano possa viver no seio da divindade que só se aceita na sua metade. E o ser em si mesmo se encontrará diante de uma separação: o bom e belo solidificado no absoluto e o feio e ruim como poça de lama, vida infame. Foi este modo de pensar e de refletir de Jung, com o apoio e solicitude do espírito da profundidade, que o orientou a escolher o caminho da investigação criteriosa a respeito das atitudes e escolhas de seres humanos no seu processo de individuação, como sujeitos psíquicos e sociais, que fazem

a história da humanidade. A descida do Cristo aos infernos representa a integração, “cujos efeitos redentores abrangem inclusive os mortos. O seu equivalente psicológico é a integração do inconsciente coletivo, parte constitutiva e indispensável da individuação [...] (JUNG, 2013, § 72).

Ao referir-se ao Cristo personificação de Jesus, o nazareno, ele traz para a reflexão pessoal e imediata, a necessidade do processo iniciático – a imersão em si-mesmo, na interioridade, exercida pelo Ser em busca da totalidade. O encontro com a divindade requer disposição, gera inquietação, dúvidas e desejos de transcender à própria concretude. O encontro consigo é o mergulho no espírito das profundezas, no inconsciente, esse desconhecido que contém as experiências coletivas, as energias criativas, e promove o encontro com o velho sábio. Aquele que busca, que acolhe e investe no seu processo de autoconhecimento.

Ele se inspira também em outros autores para fundamentar a sua análise daquele momento histórico da humanidade, cujo foco de idealização foi a Alemanha. Reporta-se a Nietzsche como o idealizador de um super-homem, a partir de “sua miséria e ineficácia pessoais”, sem ter a menor ideia de que estava fazendo uma idealização profética de um *Führer* ou *Duce*, quando escreveu “Assim falou Zaratustra”.

Na história da humanidade jamais houve um caso em que se estabelecesse com calma racionalidade a ordem no caos. O caos só se rende diante da ordem imposta pela força.

O Estado fantasma assume carne e sangue na pessoa do ditador e de sua hierarquia oligárquica. Contudo, esses homens de estado também são apenas pessoas que exercem poder sobre seus concidadãos, e estes se sentem logo oprimidos, o que não era o caso enquanto se chamavam democratas. (JUNG, 2012, § 1.336-1337).

Jung se expôs a inevitáveis incompreensões para analisar o ser humano, inserido no espírito de sua época, sujeito às elaborações da ciência, da política, da arte, da filosofia e da vivência religiosa. Compreendeu que existe algo nele “que é de natureza divina, não amaldiçoado em sua própria obra, nem aprisionado em sua própria construção” (JUNG, 2011, § 1.020). Quando Jung fala em algo divino no ser humano, estão implícitas as qualidades do bem e do mal contidas na divindade, uma vez que a dualidade do bem ou do mal, como é colocada na prática religiosa, não se sustenta quando se trata da constituição psíquica da criatura. O ser humano traz em si mesmo a origem do bem e do mal. A totalidade do humano como unidade paradoxal, o si-mesmo em ação, contém luz e sombra.

E foi a partir de estudos sobre a ancestralidade humana, sobre a idade incalculável do corpo no contexto existencial, coletivo e planetário, que Jung chegou a conclusões

significativas sobre a psique inconsciente, como repositório de experiências coletivas e arcaicas. Esse inconsciente coletivo, unindo-se aos aspectos individuais, efêmeros e observáveis da personalidade consciente do eu e à sombra pessoal, compõe a totalidade do ser definida por ele como o arquétipo do si-mesmo. Essa totalidade, dotada do direito humano à liberdade, compromete-se com a sua alma, o centro organizador da psique, para que a vida se realize de modo pleno. O não cumprimento deste compromisso consigo mesmo, significa uma traição e a perda da alma.

Jung assumiu perante si mesmo o compromisso de analisar a personalidade de Hitler e o seu comprometimento com a própria vida como um homem do seu tempo e de sua história; participe do inconsciente coletivo de um momento histórico, de uma humanidade de quem se propôs tornar-se líder e realizador de sonhos. Para tanto, Jung reportou-se à historicidade dos seres humanos e das instituições coletivas, numa análise psicológica sobre consequências de ações e atos políticos que levaram ao poder um ditador e controlador de povos que sonhavam com um mundo melhor para si mesmos.

Analisar a natureza objetiva do inconsciente, até o momento, não se revelou possível. Considerando que, segundo Jung (cf. 2011, § 325 - 2012, § 121), o inconsciente, “mais antigo e mais primordial do que a consciência”, se relaciona com a consciência de forma complementar e, assim, é possível pensar que duas instâncias psíquicas sincronizam, entre si, as experiências pessoais e arcaicas; criando condições para a presentificação de novas experiências e atitudes, que serão registradas no inconsciente pessoal e atual. A vida psíquica de um ser humano se realiza e se desenvolve a partir da sintonia entre as vivências arcaicas e atuais, movimentando um processo de desenvolvimento pessoal; capaz de promover mudanças significativas na própria história, com o poder de interferir e movimentar ações coletivas que podem mudar a história de instituições, povos, nações, continentes, até a realidade planetária. O nazismo, sob a liderança de Hitler, deixou marcas profundas na história da humanidade, ainda refletidas no contexto da ciência psicológica e da vida cotidiana, seja individual ou coletiva.

Foi com demasiada perplexidade que o mundo assistiu a Alemanha render-se a um charlatão fascista. Para Jung (2012, § 405) a “culpa coletiva psicológica é uma fatalidade trágica; atinge a todos, justos ou injustos, que, de alguma maneira, se encontravam na proximidade do crime. [...] uma impureza mágica, primitiva e arcaica e, [...] nenhum europeu que esteja fora da Europa e nenhum alemão fora da Alemanha pode deixar de considerar”. Ainda que a culpa coletiva possa ser considerada uma imputação injusta, atinge a todos que estiverem envolvidos com o crime inexpressado. Há os que participam diretamente dos conflitos, seja como agentes ou como inferioridade moral, seja ativa ou passivamente; há os que participam indiretamente, seja por omissão ou por indiferença. A cura

para a catástrofe nazista que atordoou todos os países que colaboraram no *front* de batalha, dependerá do reconhecimento da própria culpa. Não é à toa que o mundo ainda se envolve com a repercussão das guerras do século XX e ainda vivencia as suas consequências na proposta da modernidade. Os mitos antigos se atualizam na tentativa de reencantar a modernidade e trazer um novo sentido à vida. Jung mergulhou no estudo dos mitos como contribuição à compreensão da vida psíquica individual e coletiva, livre do emaranhado das superstições e das tradições que não se sustentam na realidade do novo ser para um novo mundo.

## 2.2 A Psicoterapia no contexto do Nazismo

Ninguém deve admirar-se de que as pessoas sejam tão distantes umas das outras, de que não se entendam, de que se façam guerra e se matem. Há que admirar-se muito mais de que as pessoas acreditem que estão próximas umas das outras. De que se entendem e se amam. C. G. JUNG<sup>2</sup>

### 2.2.1 Associações e Sociedades de Psicoterapia

A partir de 1933 a *Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft* (DPG)<sup>3</sup> passou a sofrer intervenções de representantes do partido Nacional-Socialista, com a exigência de que a Psicanálise só poderia ser reconhecida na Alemanha se seus representantes fossem todos arianos. A consequência desta posição foi a manipulação dos poucos judeus membros da DPG, para que aceitassem a demissão que foi chamada de espontânea, como forma de impedir a dissolução da Sociedade. Apesar do reconhecimento da psicanálise como uma terapia útil, “por motivos ideológicos”, não seria interessante basear-se explicitamente em Freud e sua obra” (LOHMANN, ROSENKÖTTER, p. 57).

Freud sofreu perseguições e foi vítima de sérias acusações: passividade diante da política de conciliação dos psicanalistas alemães e de apoio às tendências reacionárias; por se recusar a deixar a Áustria a tempo e de dar importância demasiada à neutralidade da psicanálise; de passividade fatalista por estar velho e não ter forças suficientes para enfrentar os acontecimentos políticos que se precipitavam com grande rapidez. Suas obras foram trancadas num armário até 1945 e o acesso a elas era condicionado a autorização por pedidos assinados.

---

<sup>2</sup> O livro Vermelho, p. 282-283. Jung escreveu O Livro Vermelho durante a Primeira Guerra Mundial.

<sup>3</sup> Sociedade Psicanalítica Alemã.

Freud viveu em Viena durante 79 anos de sua vida. Em consequência da ocupação nazista em 1938, Foi obrigado a abandonar a Áustria, encontrando hospitalidade na Inglaterra. Em março de 1938 a Editora Psicanalítica Internacional, dirigida por Martin Freud foi invadida e destruída pelas tropas alemãs; no mesmo dia invadiram a residência de Freud, tomaram 6.000 *schillings* do cofre; Ana Freud foi presa pela Gestapo. Para autorizar a saída de Freud e seus familiares da Alemanha em junho de 1938, a Gestapo exigiu que ele declarasse por escrito que tinha sido bem tratado. Quatro das cinco irmãs de Freud foram mortas em campo de concentração. (LOHMANN, ROSENKÖTTER, p. 58-73).

Uma manifestação expressa de posições antissemitas, no sentido de anular a participação da psicologia judia na Alemanha e o reconhecimento da psicanálise Freudiana, significou o banimento total dos judeus da DPG e conseqüentemente, do movimento psicoterápico, a perseguição a Freud e a desvalorização da psicanálise exercida por judeus. Freud foi perseguido na Alemanha e a psicoterapia de abordagem psicanalítica estava sendo ameaçada de extinção, corria o risco de ser derrubada, por motivos políticos, em detrimento das pessoas doentes. Médicos e psicoterapeutas judeus foram banidos da Alemanha.

Felix Boehm, um dos membros da diretoria da DPG, em reunião com Freud, informou que na formação psicanalítica deveriam ser inseridos conhecimentos sobre as teorias de Carl Gustav Jung, e Freud respondeu: “Por que não aprender também isto? não [sic] é o que poderá trazer-lhes dificuldades”. Configura-se aqui, por parte de Freud, uma atitude de descaso em relação aos estudos de Jung. Posteriormente, em reunião de diretoria, com a participação de Freud, Boehm, Anna e Martin Freud, Paul Federn e Jeanne Lampl-de Groot, em que Boehm expôs a precária situação da Psicanálise na Alemanha, por mais de três horas, Freud o interrompeu e disse: “Chega! Os judeus já sofreram centenas de anos por suas convicções. Chegou a hora dos nossos colegas cristãos sofrerem pelas suas. Eu não me importo que meu nome não seja citado na Alemanha, contanto que minha obra seja defendida corretamente”. E retirou-se da sala de reuniões (LOHMANN, ROSENKÖTTER, p. 58). A reação de Freud denota um conflito entre judeus e cristãos, não somente no âmbito da psicanálise em solo alemão, como também à antiga e histórica luta por convicções religiosas a partir dos eventos relacionados com a condenação de Jesus à morte.

Os autores acima referenciados, trazem informações dignas de nota sobre as perseguições perpetradas a Freud e ao banimento dos judeus do movimento psicoterápico, pelo Partido Nacional-socialista. Entretanto, mesmo reconhecendo a insuficiência de documentos que pudessem trazer clareza aos acontecimentos da época quanto à psicanálise e à psicoterapia; posicionam-se sobre aspectos do pensamento de Freud apenas a partir de opiniões esparsas,

sem um sentido de coerência ou argumentação teórica, referindo-se ao seu posicionamento quanto à condição apolítica da psicanálise e da psicoterapia, chamando de “irritantes as considerações de Freud”. O mesmo eles fazem com Jung, acusando-o de “aversão pela psicanálise judia” e pelo inconsciente da raça judia a partir de trechos em que o objetivo de Jung foi analisar diferenças significativas do inconsciente de um povo em relação a outro povo, considerando o processo histórico e as influências experienciais de cada um.

### 2.2.2 Jung na Associação de Medicina Geral para Psicoterapia e na *Zentralblatt für Psychotherapie*<sup>4</sup>

A Associação Médica Geral de Psicoterapia era dirigida por alemães, seus membros pertenciam às mais diversas nações e os Congressos tinham caráter internacional. O Professor Kretschmer, presidente da Associação renunciou ao cargo em 6 de abril de 1933 e Jung, na posição de Vice-Presidente assumiu a presidência interinamente. Em 1934, de acordo com seus colegas, Jung reorganizou a Associação com o objetivo de internacionalizá-la. Os estatutos foram aprovados durante um congresso em Bad Nauheim, Jung foi eleito presidente e a sede foi transferida para a Suíça. Em 15 de setembro de 1933 foi criada uma associação, como sessão alemã da Associação Internacional, presidida pelo Professor M. H. Goring em Berlim.

Lohmann e Rosenkötter acusam Jung de pertencer ao grupo de colaboradores beneficiados com a nova situação em 1933, assumindo a direção da Associação de Medicina Geral para Psicoterapia e a Edição da *Zentralblatt für Psychotherapie*, impregnadas da ideologia nazista; fazem um julgamento aos que, segundo eles, “assumiram uma adaptação astuta ou um oportunismo aberto”. Enquanto uns preferiam abrir mão de alguns posicionamentos, com uma visão mais ampla, outros, como Freud, com uma posição fatalista, afastaram-se de uma resistência ativa. E finalizam seus julgamentos com o pensamento de *Finkelkraut*: “Temos que nos lembrar que, para sermos justos, o fenômeno a ser explicado não é porque tantos não resistiram, e sim, porque, apesar de tudo, alguns resistiram” (1985, p. 53-55). Sobre a acusação sofrida de ser antissemita e colaborar com o processo discriminatório nazista, Jung declara:

As diferenças reais – percebidas por qualquer pessoa inteligente – que existem entre a psicologia germânica e judaica já não devem ser encobertas, pois só podem ser benéficas à ciência. Na psicologia, mais do que em outras ciências, existe uma ‘equação pessoal’ cujo desrespeito falsifica os resultados da teoria

---

<sup>4</sup> Revista Central de Psicoterapia.



e da práxis. Gostaria de deixar bem claro que isto não implica uma depreciação da psicologia semítica, assim como não é depreciação do chinês quando se fala de uma psicologia peculiar dos povos do Extremo Oriente (JUNG, 2011, § 1.014).

Apesar das divergências teóricas entre Freud e Jung, do ponto de vista do envolvimento político da psicoterapia, Jung se coloca de forma semelhante a ele, mas com um olhar mais amplo e analítico, sobre o campo de exercício da psicoterapia. Dando ênfase aos campos de atuação e não somente a posicionamentos conceituais políticos ou apolíticos. “A arte terapêutica nada tem a ver com política (oxalá tivesse!), por isso ela pode e deve ser exercida sob qualquer regime político para o bem dos que sofrem”, (JUNG, 2011, § 1.022). Ele resolve seu conflito moral e assume a posição do estudioso que vê para além da ciência ortodoxa, as singularidades da pessoa, dos grupos sociais no processo histórico da humanidade e da própria psicoterapia.

Ele propõe que a psicoterapia amplie o seu olhar no sentido de encarar a psique como um todo, muito além das manifestações patológicas. E foi com esta perspectiva que, quando era presidente honorário da Associação Médica Geral de Psicoterapia, aceitou, por insistência de membros dirigentes, a chefia da publicação do *Zentralblatt für Psychotherapie*. Com certeza, não foi uma decisão fácil de ser tomada, dado o seu posicionamento quanto à validade de continuar como um “neutro precavido” ou ariscar-se às incompreensões a que estavam sujeitos todos que faziam algum pacto com forças políticas na Alemanha.

O seu pacto não foi com o nazismo, não foi com a loucura de Hitler, foi com as pessoas que precisavam da psicoterapia, com seu compromisso com os estudos que estava realizando e consigo mesmo. Com sua postura universalista quanto ao atendimento a pessoas que sofriam de diferentes formas, sem se preocupar com nacionalidade. O seu pertencimento foi como cidadão do mundo a serviço da psicoterapia, com os seres humanos em busca de si num momento crucial para a humanidade. O que diríamos de um soldado que não socorresse outro soldado ferido em campo de batalha, por ser do exército inimigo?

E ele reflete, ao sentir-se na obrigação de tomar uma decisão e atender às expectativas de seus colegas, às necessidades das pessoas doentes e no interesse da ciência: “eu deveria sacrificar o interesse da ciência, o coleguismo, a amizade que me ligava a alguns médicos alemães e a viva coesão da cultura de língua alemã ao meu bem-estar egoísta e à minha opinião política divergente?” (JUNG, 2011, § 1.016 - 1.018). Não lhe restando outra atitude senão atender à solicitação de seus amigos médicos com o peso de seu nome e com sua posição independente, ele decide aceitar o chamado que representava enveredar por um caminho longo e espinhoso em prol dos estudos e das tarefas a que deveria dedicar-se. Era grande e iminente

o risco que a Psicoterapia na Alemanha corria, de ser derrubada por um simples decreto, já que não existia jornal ou associação que não fossem coordenados pelo governo, com a obrigatoriedade de que “todas as entidades, órgãos, partidos, associações etc.” precisavam ter na sua direção componentes nazistas.

Jung se reporta à dificuldade que os cientistas tiveram para compreender tal realidade na Suíça, retrocedendo seu raciocínio ao tempo em que as pretensões totalitárias da Igreja ditavam as normas, no emaranhado de necessidades de dominação política e religiosa. Do ponto de vista da Psicologia Analítica, todos os períodos e acontecimentos históricos são registrados no inconsciente coletivo da humanidade e interferem em acontecimentos posteriores, manifestando seus efeitos em diferentes aspectos: ideológico, social, político e psicológicos, em maior ou menor grau, dependendo do *zeitgeist*. A Igreja, no seu afã pelo poder tinha pretensões totalitárias.

Naquela época o arame farpado ainda não havia sido inventado e, por isso, não havia campo de concentração; em seu lugar, a Igreja usava grande quantidade de lenha. O juramento ‘modernista’ de hoje é um resto bem fraco e manso de uma ‘*Gleichschaltung*’<sup>5</sup> bem mais severa e palpável. À medida que a autoridade da Igreja foi fenecendo, o Estado foi se substituindo à Igreja, pois a pretensão totalitária quer manifestar-se de alguma forma (JUNG, 2011, § 1.019).

Jung enfatiza a necessidade e a importância de situar a prática da psicoterapia acima de qualquer crença religiosa e/ou política, como a forma de aplicar os seus princípios para o bem de quantos necessitem reorientar-se como seres em busca de si mesmos. Assim, ele justifica a sua escolha em fazer um pacto com as forças políticas existentes na Alemanha nazista e conservar-se fiel a seus amigos médicos, que precisavam de sua competência, para atender às necessidades humanas naquela circunstância traumática por que passavam os povos envolvidos politicamente e vítimas do nazismo.

Será que eu deveria sacrificar o interesse da ciência, o coleguismo, a amizade que me ligava a alguns médicos alemães e a viva coesão da cultura de língua alemã ao meu bem-estar egoísta e à minha opinião política divergente? [...] Num momento em que a seção alemã da Associação Internacional de Psicoterapia “tinha que estar *gleichgeschaltet*”<sup>6</sup> e, mais, que o *Zentralblatt* era editado na Alemanha, surgiram naturalmente certas dificuldades que nos levaram a pensar mais de uma vez em reorganização”. (JUNG, 2011, § 1.016 - 1.019).

---

<sup>5</sup> Equalização. Alinhamento das organizações do estado, partidos, associações, a Juventude Hitlerista, com os objetivos políticos dos nacional-socialistas.

<sup>6</sup> Sincronizada.

Os pontos de vista a respeito de decisões individuais e/ou grupais e mais ainda colaborativas, no processo histórico de um povo ou de segmentos sociais, políticos e científicos, que estão de certa forma sincronizados com um ideal, diferem, mesmo assim, em momentos de julgamento da história. Jung se defende a respeito de uma situação vivenciada quando era editor da *Zentralblatt für Psychotherapie*. Tinha sido combinado que seria publicado um artigo de autoria do grupo alemão da Associação, que estava sujeito ao juramento de lealdade, em uma edição especial da *Zentralblatt*, para circulação exclusiva na Alemanha.

A declaração introdutória do artigo foi assinada pelo professor Göring de Elberfeld, presidente do grupo Alemão da Associação Internacional de Psicoterapia. Jung diz que para sua surpresa e decepção, o artigo foi publicado, à sua revelia, no número em circulação da Revista, colocando-o em situação desagradável, e disse como num triste desabafo: “Mas enfim o que são assistência e amizade que nada custam? Naturalmente o caso é tão grave que minha editoria ficou seriamente comprometida. Atualmente na Alemanha tudo tem que ser ‘alemão’ se quiser continuar vivendo”. E ele fala de sua verdadeira intenção que, por amor à humanidade, era contribuir para salvar a arte terapêutica “do caos agitado de uma revolução sem par” (JUNG, 2011, § 1.021, 1.022).

### 3 BREVE OLHAR PARA O NAZISMO NO CONTEXTO HISTÓRICO DO SÉCULO XX

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. Carl Marx, 1852<sup>7</sup>.

Figura 1 – Adolf Hitler – nomeado chanceler (chefe do governo) da Alemanha em 30-01-1933.



Rádio Peão Brasil. Publicado em 17 de janeiro de 2020.

#### 3.1 Antissemitismo como Fato Histórico

Além de outros registros históricos sobre a perseguição aos judeus, narrativas Bíblicas sinalizam para a antiga rivalidade entre judeus e a cúpula sacerdotal, gerando as perseguições acirradas a Jesus e ao povo judeu. O racismo, atitude que refletia a opinião pública dos países europeus durante os anos 1930, foi promovido a doutrina estatal na Alemanha, contribuindo para que o hitlerismo exercesse forte atração internacional e intereuropeia, tornando-se forte aliado na conquista de simpatizantes do movimento nazista. O Brasil, país colonizado pelos

---

<sup>7</sup> Em “O 18 Brumário de Luis Bonaparte”.

portugueses e disputado por franceses, holandeses e ingleses, traz ainda muito forte e muitas vezes camuflada, a marca do racismo em suas relações sociais e políticas.

No período do Terceiro Reich, na Alemanha, a parcela da sociedade daquele país que era contrária ao povo judeu, por razões étnicas, biológicas, religiosas, culturais, econômicas, etc. encontrou, através da doutrina cristã, uma base religiosa para justificar a sua intolerância, pois realmente acreditavam da [sic] superioridade do cristianismo em detrimento do judaísmo (MENDES; COSTA, 2016, p. 67).

Para o movimento nazista, racista e antissemita, a única alternativa era exterminar os judeus, os ciganos e pessoas consideradas de raça inferior e indigna de permanecer em solo alemão. A crença central concebida em termos biológicos e enraizada no movimento nacional-socialista, era de que “a grandeza presente e futura da Alemanha e de toda a ‘raça ariana’ dependia da luta pela ‘pureza racial’; [...] impunha o afastamento e, no limite, a destruição dos grupos humanos ‘inferiores’, cujo epítome era representado pela ‘raça’ judaica” (FAUSTO, 1998, p. 143). O nazismo, na visão de Norbert Elias, representa uma trágica demonstração do colapso de uma civilização. Inúmeros “militares e burocratas do Ministério dos armamentos não se conformavam com a morte de milhões de prisioneiros de guerra soviéticos, ciganos e judeus, enquanto a necessidade de mão-de-obra no Reich crescia a olhos vistos” (BERTONHA, p. 242). Ao passo que Hitler e lideranças que o apoiavam preferiam a política da repressão e do extermínio.

Fatos históricos são acontecimentos integrados em determinados períodos do processo de formação e desenvolvimento da sociedade; e se interconectam em diferentes sentidos como: causalidade, efeitos, interferências, níveis de pertencimento, relações políticas, sociais e de trabalho. Dessa forma, para falar sobre surgimento, desenvolvimento e consequências do nazismo nos anos iniciais do século XX e após a primeira guerra<sup>8</sup> mundial, há que trazer para o cenário analítico registros relacionados com antissemitismo, totalitarismo e imperialismo.

As manifestações de hostilidades contra judeus, modernamente antissemitismo, fazem parte de sua própria história. Um povo que se considerava eleito, o povo de Israel, erigiu um sistema de crenças no interior do judaísmo, cuja identidade remonta às narrativas bíblicas. Rodeados de inimigos que tentavam aniquilá-los, o povo judeu vivenciou duas grandes diásporas. Sitiados pelos romanos em 70 d.C., tiveram o seu templo destruído pela segunda vez, marcando a destruição política e administrativa do reino da Judeia. “A inclusão do anti-semitismo [sic] na cultura judaica, como uma constante universal, foi incentivada pelas

---

<sup>8</sup> Cf. Anexo A. Mapa Conceitual da Primeira Guerra Mundial.

elaborações teológicas do catolicismo e do islã que justificaram, sob perspectivas diferentes, o destino trágico dos judeus já que rejeitavam aderir às novas revelações” (SORJ, 2007, p. 98). Dessa forma, foi instituído um valor teológico ao antissemitismo, buscando justificar as perseguições aos judeus em diferentes momentos da história desse povo, que se recusavam a filiar-se às novas revelações tidas como crenças eternas.

Um historiador moderno descreveu a luta entre os judeus e os jesuítas como uma ‘luta entre dois rivais’, na qual o ‘clero jesuíta superior e a plutocracia judaica enfrentavam-se cara a cara no meio da França como duas linhas de combate invisíveis’. A descrição é verdadeira no sentido de que os judeus encontraram nos jesuítas seus primeiros inimigos implacáveis, enquanto estes prontamente compreenderam o valor da arma chamada antissemitismo. Foi essa a primeira tentativa, e a única antes de Hitler, de explorar o ‘importante conceito político’ do antissemitismo numa escala pan-europeia (ARENT, 2009).

A autora enfatiza que quando Hitler assumiu o poder, nos bancos alemães já não existiam tantos judeus, devido à perseguição e ao extermínio deles pelos nazistas. E com a perda de funções públicas pelos judeus, o antissemitismo alcançou o seu clímax e a aceleração do processo de extinção do judaísmo na Alemanha.

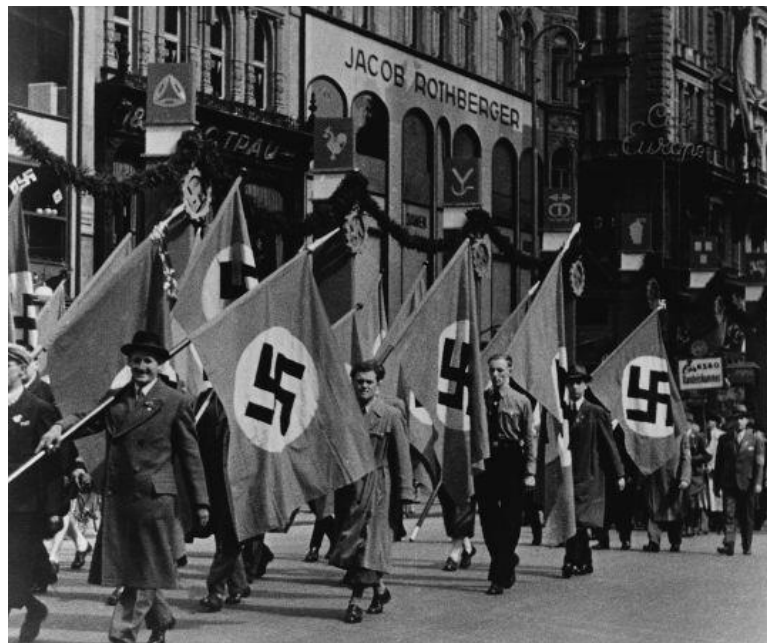
Viktor E. Frankl, escritor, psiquiatra e criador da logoterapia, técnica psicoterápica denominada “intenção paradoxal”, foi um dos médicos perseguidos pelo regime nazista. Nascido em Viena e filho de família judaica, em 1942 foi enviado com sua família para o campo de concentração *Theresienstadt*. Em 1944 para *Auschwitz* onde sua mãe e sua esposa morreram. Como prisioneiro comum de número 119.104, trabalhou em escavações e na construção de Ferrovias. Ele relata em seu livro “Em busca de sentido” os horrores dos sofrimentos dos prisioneiros, a luta pela sobrevivência e a dor de presenciar a morte como realidade cotidiana. Os sobreviventes eram aqueles que, como ele, resistiam ao frio intenso, aos suplícios dos dedos necrosados pela neve, à fome, ao desconforto extremo, à incerteza e à saudade. A qualquer sinal de fraqueza o prisioneiro era executado friamente, era um imprestável e não tinha direito a vida, apenas um a menos. Na sua primeira noite em *Auschwitz* ele dormiu em beliches de três andares, cada andar media 2 x 2,5 metros. Eram dois cobertores para cada andar onde dormiam nove pessoas na tábua nua e embutidas umas às outras. (FRANKL, 2018).

Depois de perder tudo que tinha, lhe restou a espera pela sua destruição final. Humana e heroicamente motivado para a busca de sentido, ele fez uma narrativa sobre a vida no campo de concentração descrevendo como os prisioneiros enfrentavam a expectativa iminente da morte. Prometeu a si mesmo nunca “ir para o fio”, ou seja, nunca cometer suicídio tocando o

arame farpado eletrificado em alta tensão. Nos primeiros dias em *Auschwitz* o prisioneiro em estado de choque não tinha medo da morte. Para continuar com vida eles tinham que fazer a barba todos os dias, mesmo que fosse com um pedaço de vidro quebrado e dar a impressão de serem capazes de trabalhar. Quem adoecia era espancado e/ou morto com extrema violência. “Nos primeiros dias de sua estada, a câmara de gás nem de longe representa um horror. Para ele, a câmara de gás é algo que o poupa de cometer suicídio”. (Ibid., p. 33).

### 3.2 O Fenômeno Hitler e a Estruturação do Nazismo

Figura 2 – Parada Nazista organizada em Viena, Áustria, em 1938.



Fonte: Everett Historical e Shutterstock.

Hitler era visto pelos seus seguidores como um ser revelador e isto lhe emprestava poderes políticos e sociais. “Sabemos que a experiência mística bem como a identificação com uma figura arquetípica emprestam ao ser humano forças quase sobre-humanas. Não é à toa que os alemães chamam o seu Führer de ‘nossa Joana D’Arc’” (JUNG, 2012, § 1.333). Uma personificação de caráter heroico conferida pelos seus admiradores e partidários, associada ao comportamento dele, o Führer, tornando-o receptivo a influências inconscientes. A persona, não é, portanto, o verdadeiro caráter do ser humano. “Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, [...] não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva” (JUNG, 2015, § 245). Portanto, a aceitação da persona pelos seguidores de Hitler, como de qualquer outro líder, seja das massas, de uma instituição,

de um segmento social, esconde a verdadeira personalidade que se oculta detrás daquela máscara.

Jung traz a seguinte narrativa sobre um determinado comportamento de Hitler, que, segundo ele, fazia crer que a política alemã não fosse feita, mas revelada. Ouvira dizer que “Hitler se trancou por três dias e três noites no quarto, enquanto todo o seu estado-maior insistia que não saísse da Liga das Nações. Quando apareceu de novo disse sem nenhuma explicação: “Senhores, a Alemanha precisa sair da Liga” (2012, § 1.333). Como um homem de visão abrangente na análise do homem histórico-vivencial, Jung (2012, § 1.338) diz: “A desordem é destrutiva. A ordem é sempre uma jaula. A liberdade é privilégio da minoria e se baseia sempre no detrimento de outras pessoas”. Jung refletiu ainda sobre a impossibilidade de comparar o temperamento másculo de Mussolini com o de Hitler. Enquanto o italiano Mussolini, imbuído dos valores da história dos Césares revela, em cada gesto, identificação com o Cesar no modo de governar e de se posicionar politicamente, o inconsciente de Hitler parece ser feminino (Ibid., § 1.334).

“Não há homem algum tão exclusivamente masculino que não possua em si algo de feminino” (JUNG, 2015, § 297). Nesta reflexão Jung toca no seu conceito de Animus e Anima, polaridades inerentes ao ser encarnado no homem e na mulher. Ele percebeu, além de outras qualidades de diferentes matizes, positivas e negativas, a evidência de uma Anima em potencial mais elevado na personalidade de Hitler. No inconsciente do homem há uma imagem coletiva da mulher (anima), assim como no inconsciente da mulher há uma imagem coletiva do homem (Animus). A intensidade de uma ou de outra define o nível de feminilidade e de masculinidade da alma nele ou nela personificada. Jung viu em Hitler, apesar de toda a volúpia pelo poder e insaciabilidade do seu ímpeto conquistador e violento, uma alma dotada de atitudes e comportamentos femininos em maior evidência.

Em 14 de setembro de 1945 Jung respondeu a Eugen Kolb, correspondente em Genebra de “*Mishmar*” (*The Daily Guardian*), as seguintes questões<sup>9</sup>:

– *Como psiquiatra, qual seu julgamento sobre Hitler como “paciente”?*

**Jung:** Em minha opinião, Hitler é antes de tudo um histérico (já fora assim diagnosticado na guerra mundial de 1914-1918). Caracteriza-se especialmente por uma subforma da histeria: *pseudologia phantastica*, em outras palavras, um “mentiroso patológico”. Mesmo que estes indivíduos não comecem logo como enganadores, são uma espécie de

---

<sup>9</sup> Considerando os objetivos deste trabalho, as respostas de Jung serão registradas de modo resumido, apenas o essencial para a compreensão do leitor. (Cf JUNG, 2012, § 1.384-1.387)



idealistas [...] acreditando eles mesmos em suas óbvias mentiras. [...] “Acreditam que estão agindo pelo bem da humanidade, [...] e jamais percebem que seu objetivo é sempre egoísta. [...] Pelo fato de apenas o convencido convencer diretamente a outro (por contágio psíquico), possui ele, via de regra, influência devastadora sobre seu ambiente. Quase todos caem em sua rede.

– *Como pôde este “psicopata” influenciar nações inteiras?*

**Jung:** Sendo seu sistema maníaco de desejos um sistema político-social e correspondendo ele às ideias preferidas da maioria, surge uma epidemia psíquica que aumenta qual avalanche. A maioria do povo alemão estava descontente, alimentava sentimento de vingança e ressentimento, provindos em parte de seu complexo de inferioridade nacional, e identificava-se com os oprimidos. (Daí seu ódio e inveja dos judeus que lhe haviam tomado a ideia de povo “eleito”.)

– *O senhor também considera psicopatas seus contemporâneos que executaram seus planos?*

**Jung:** Uma sugestão só funciona onde já existe um desejo secreto de realizá-la. Hitler conseguiu desse modo atuar sobre todos os que compensavam seu complexo de inferioridade através de aspirações sociais e desejos secretos de poder. Por isso cercou-se de um exército de desajustados, psicopatas e criminosos, sendo ele mesmo um deles. [...] Uma vez que a falta de adaptação é uma doença, também podemos chamar de doente uma nação. [...].

– *Se isto é assim, em que consiste a cura?*

**Jung:** Em educar para a plena consciência. Impedir a formação social gregária como proletarização e massificação. Nada de sistema de partido único. Nada de ditadura. Autonomia comunal.

### 3.2.1 Hitler e seu olhar sobre si mesmo

O emblema do Nazismo é fruto do roubo de um símbolo milenar<sup>10</sup> transformado em representação gráfica do antissemitismo e da superioridade racial. A representação gráfica da

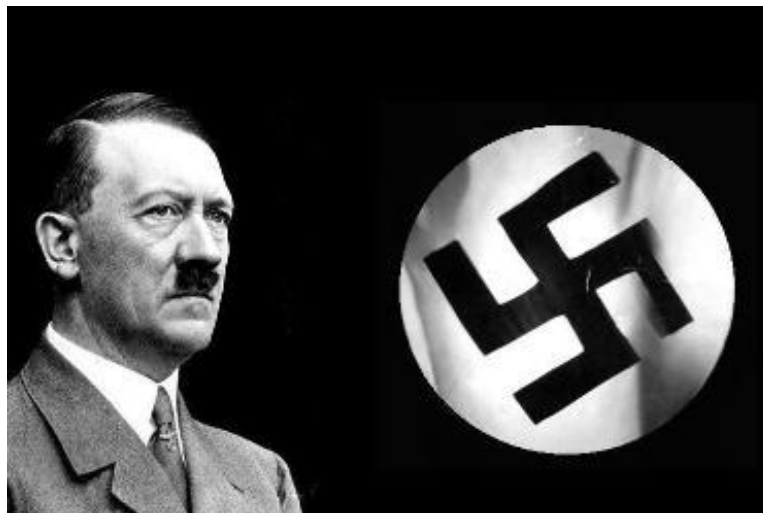


10



suástica nazista apresenta a mesma forma da medalha do mérito dos escoteiros; uma forma invertida em comparação com a *svastica* gravada no peito do Buda.

Figura 3 – Hitler e a suástica.



Fonte: Blog do QG do Enem. Plataforma Enem. 20-02- 2018.

Esse homem vivenciou sua personalidade, forjada na crença de que poderia dispor e controlar a liberdade dos cidadãos e o mundo a qualquer preço. Personalidade esta, nascida nas sombras de seu inconsciente e desenvolvida nos fracassos de seus desejos e tentativas de sucesso, ganhou força e ação destrutiva a partir da solidão como pessoa, ao longo de uma vida conturbada e infeliz. Nascido a 20 de abril de 1889 na Áustria, seu maior desejo foi ter sucesso como arquiteto ou pintor. Passava a maior parte de seu tempo desenhando, indo à ópera, conversando com amigos e lendo. Sua mãe morreu de câncer em 1907 e nesse mesmo ano seu pedido de ingresso na Academia Vienense de Artes foi rejeitado, sob a alegação de que suas produções não eram boas o suficiente. Interessou-se pela arquitetura pesada também sem sucesso, tentou ingressar novamente na Academia de Artes e foi rejeitado pela segunda vez.

Inconformado pelos seus fracassos como pintor, revelou um comportamento inadequado a regras e regulações, adotando uma vida ociosa e boêmia, gastando o que tinha e sendo obrigado a dormir ao relento. Com a ajuda da tia conseguiu vender pequenas pinturas indo morar em um abrigo para homens. Conviveu com judeus no abrigo, pedindo dinheiro

---

A suástica, svastica em sânscrito, no peito do Buda, símbolo milenar representando “boa sorte” ou “bem-estar”. A medalha do mérito dos escoteiros, desenhada pelo pintor, escultor e militar britânico Robert Baden-Powell em 1922, sobrepõe a flor de lis dos escoteiros a uma suástica, como símbolo de boa sorte. In: El País, 24 de janeiro de 2020.

emprestado para eles e vendeu suas obras para comerciantes judeus. Seu ódio aos judeus se tornou pessoal e extremo no final da Primeira Guerra Mundial. Quando esteve em Viena desenvolveu um profundo desprezo pelo Estado e pela Lei e, para ele, a autopreservação racial suplantava a da legalidade. E “seu entusiasmo por Wagner, a cujas óperas assistiu centenas de vezes [...], só podem ter fortalecido suas visões políticas. Virtualmente todos os seguidores de Schönerer, Wagner e Lueger eram antissemitas nessa época, muitos deles de forma raivosa [...]”. E os registros históricos da época indicam que Hitler, como admirador e seguidor deles, não teria sido uma exceção (EVANS, 2010, p. 193-195).

Os escritos da época quando ele exerceu sua, tudo indica, falsa soberania, demonstram o quanto ele, ao dizer sobre si mesmo, denotava uma orgulhosa forma de falar por figuras de linguagem, por ele mesmo elevadas à megalomania. Falava sobre si mesmo como um enviado da “Divina Providência”, acreditando e reafirmando a sua própria “grandeza histórica”, a fé em sua “genialidade”, a crença de ser o “maior alemão de todos os tempos”. A ponto de declarar, quando estava hospitalizado para tratamento de uma cegueira que poderia ter sido causada por substância tóxica: “Enquanto estava confinado no leito, veio para mim a ideia de que eu libertaria a Alemanha, que eu a tornaria grande. De imediato, soube que isto se realizaria” (LANGER, 2018, p. 22-27)<sup>11</sup>.

O autor comenta ainda que Hitler estaria convencido de sua “grandeza pessoal” e de se tornar imortal historicamente e escolhido por Deus para ser reconhecido como o “novo Salvador da Alemanha e o fundador de uma nova ordem social para o mundo. [...] A única condição é que siga os ditames da voz interior que o guiaram e o protegeram no passado” (Ibid., p. 32). A grande ironia nisso tudo é que Hitler se tornou de fato famoso, inesquecível pela grandiosidade de sua violência e desequilíbrio psíquico, de sua peculiar insegurança enquanto pessoa, de seus complexos ruidosamente constelados. Em meio a uma multidão de súditos, tornou-se vítima de seu isolamento, de sua desdita e, no âmago do Puer Aeternus<sup>12</sup>, a sua vitalidade sucumbiu, sua pequenez se evidenciou no retrocesso de uma vida perdida a carregar o peso de crimes hediondos contra a humanidade.

A maioria de seus discursos traziam como foco: “(1) a traição dos criminosos de novembro; (2) o governo dos marxistas deve ser interrompido; e (3) a dominação mundial dos

---

<sup>11</sup> Walter C. Langer escreveu e publicou “A mente de Adolf Hitler: o relatório secreto que investigou a psique do líder da Alemanha Nazista”, em 1972. O objetivo de seus estudos foi analisar as “dobras da mente de Adolf Hitler”, que alimentaram ideias assombrosas, encontrando ressonância no povo alemão, subjugando-o, cometendo crimes contra a humanidade e culminando na derrota militar. O livro foi traduzido por Carlos Szlac e publicado pela Editora Le Ya Brasil, São Paulo, em 2018.

<sup>12</sup> Sobre o Puer Aeternus, ver: FRANS, Marie-Louise. Puer Aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância. São Paulo: Paulus, 1992.

judeus. [...] não era tanto o que ele dizia que era atrativo para suas plateias, mas como ele dizia” (Ibid., p. 40-41). A partir de tudo que já foi falado sobre Hitler, é possível imaginar que ele conhecia, por informações teórico-práticas ou por intuição aguçada ou pelos dois aspectos, as características de seus seguidores e sabia manipular as massas com a segurança de quem tinha um objetivo a alcançar custasse o que custasse.

O início lento e hesitante. Aos poucos ele vai aquecendo quando a atmosfera espiritual da grande multidão é incitada. Porque Hitler responde a esse contato metafísico de tal maneira que cada membro da plateia se sente preso a ele por um vínculo individual de afinidade. [...] o início lento, esperando captar o clima do público. Assim que ele o descobre, o ritmo se acelera suavemente até que ele, no clímax começa a gritar. Ao longo de tudo isso, o ouvinte parece se identificar com a voz de Hitler, que se torna a voz da Alemanha (LANGER, 2018, p. 41-42).

Ele fazia uso do apelo emocional, da subjugação das mentes e dos desejos do povo alemão por um mundo melhor. Sabia o que a multidão queria ouvir e conseguia, com apelos psicológicos de diferentes magnitudes, alcançar seus objetivos no sentido de dominar a opinião das multidões. Os seus interesses e desejos de dominação e de soberania estavam acima de tudo e ele foi capaz de manipular a crença e a admiração do povo alemão a seu favor. O horário que ele escolhia para proferir seus discursos, tarde da noite, o seu tom de voz, a hesitação e o nervosismo no início de seus discursos, os gestos bruscos, provavelmente para dissimular suas emoções ou para chamar a atenção, ou para fragilizar a plateia, todo o seu jogo de cena fazia o povo delirar e acreditar nas suas boas intenções.

### 3.2.2 Hitler, criatura e criador do Nacional-Socialismo

Aos 25 anos, alimentando a crença de que era um predestinado, um enviado, esse homem, equivocadamente em todos os seus investimentos como homem público, inicialmente encantou pessoas pela sua postura “divertida”, para depois ser visto como um louco. Ao analisar a personalidade controversa de Hitler, como representante do estado de espírito de milhões de pessoas não somente alemãs, Langer diz sobre os responsáveis por conduzir a guerra contra a Alemanha:

Não foi só Hitler, o louco, que criou a loucura alemã; a loucura alemã também criou Hitler. Tendo forjado Hitler como seu porta-voz e líder, essa loucura foi levada pelo seu ímpeto, talvez para muito além do ponto ao qual estava de início preparada para ir. Não obstante, o povo alemão continua a seguir a sua liderança, apesar do fato de que, agora, dever ser óbvio para todas as pessoas inteligentes que esse caminho leva a destruição inevitável.

Do ponto de vista científico, portanto, somos forçados a considerar Hitler, o Führer, não um demônio pessoal, independentemente de quão perversas suas ações e sua filosofia possam ser, mas a expressão de um estado de espírito existente em milhões de pessoas, não só na Alemanha, mas, em menor grau, em todos os países civilizados (2018, p. 140).

Figura 4 – Hitler comemora em 1914, em Munique, o início da Primeira Guerra Mundial.



Fonte: Superinteressante. Otávio Silveira, Jonatan Sarmiento, André Toma. 07-06-2018.

O autor desperta nossa reflexão para o fato de que os membros de um determinado grupo ou sociedade, tendem a agir e a desenvolver modos de pensar influenciados pelas forças e movimentos culturais a que se acham submetidos e/ou liderados. Uma das mais importantes indagações dos estudos de Langer e de Jung, se relaciona com o que poderia ter influenciado a Hitler ter se tornado o que ele foi/é. Tanto Langer quanto Jung, puderam analisar as ações de Hitler e do Führer em quem ele se tornou, produto de sua própria história e de uma época, no bojo de uma determinada contemporaneidade. Eles, com o olhar da psicologia e de forma desapaixonada, tiveram a lucidez suficiente e necessária para fazer uma análise do homem, do ditador no seu processo histórico-vivencial e da Alemanha no contexto de uma época que favorecia o surgimento e a atuação de ditadores, que se transformaram em heróis e manipuladores da história universal.

Jung faz importantes reflexões sobre o comportamento das “massas” quando, “para compensar sua caótica falta de identidade, uma massa pode gerar um líder que infalivelmente se torna vítima de sua consciência do eu inflada e do qual a história nos oferece inúmeros exemplos” (2013, § 500). Quando as massas estão dominadas pelo herói idealizado, o indivíduo perde seu lugar e sua importância, para se transformar num adepto, seguidor fiel, que acredita

nas promessas do falso herói, alimento para sua esperança num mundo melhor. A tarefa do verdadeiro herói está nos mitos, que se atualizam através dos tempos, mantendo as suas características originais e, dessa forma, atendem às necessidades individuais.

O verdadeiro herói, “é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas, pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” (CAMPBELL, 2007, p. 28). Do ponto de vista psicológico o herói é também um “fora da lei”, aquele que se destaca pela sua postura contra as injustiças, a exploração do homem e o confisco dos direitos humanos, sejam individuais ou coletivos. Esse herói evoca Dionísio, O Louco, um dos arcanos maiores do Tarô, o primeiro na abertura das cartas, imagem de um impulso criativo que também pode ser destrutivo, ou os dois ao mesmo tempo, para o mergulho no desconhecido, a tendência natural para a mudança, para o investimento numa nova jornada.

Hitler não foi esse herói arquetípico e mitológico. Foi o anti-herói, fabricado pela sua extrema vaidade e sede de poder e prestígio absolutos. Bem como pela crença de que era guiado por um poder sobrenatural. Segundo Langer (2018, p. 163), ainda com vinte e poucos anos, durante sua temporada em Viena e logo depois da guerra, ele deixou a barba crescer no estilo da de Jesus Cristo. Nutriu desejos de se tornar padre ou abade, alimentando um complexo de Messias, cujo anseio era tornar-se um concorrente de Cristo perante o povo alemão.

Algumas declarações de Hitler sobre o comportamento infantil diante de um ambiente doméstico inadequado e violento, faz acreditar na sua capacidade para compreender a natureza humana e como pode ser forjada a personalidade e o modo de ser, a partir de experiências da infância. Abordagens que lhe foram atribuídas sugerem que ele se dedicou a estudos no campo da psicologia, ainda que por simples curiosidade ou mesmo de modo intencional, como forma de aprender a subjugar e a dominar as massas a seu proveito e cumprimento de suas ambições políticas. Hitler descreve reações de uma criança pequena que sofreu com o ambiente familiar conturbado. E é provável que ele estivesse falando de si mesmo.

Entre os cinco filhos, há um menino, digamos, de 3 anos... Quando os pais brigam quase que diariamente, a brutalidade se revela por completo, então, os resultados dessa educação visual ficam, de modo lento, mas inevitável, evidentes para o pequeno. [...] de fato, as coisas acabam mal quando o homem desde o início segue seu próprio caminho e a mulher, por amor aos filhos, coloca-se contra ele. [...] Quando ele enfim volta para casa... embriagado e violento, mas sempre sem nenhum centavo, então Deus tenha misericórdia das cenas que se seguem. Testemunhei tudo isso pessoalmente em centenas de ocasiões e, no início, com repugnância e indignação (cf. LANGER, 145,146).

No cenário político Hitler se sentia vítima e projetava para outros países que se colocavam contra suas ideias e posicionamentos, o que identificava em si mesmo. Acusava os

judeus de sugar o seu sangue e sua vitalidade como a fonte de todos os males. Determinadas mudanças afetam o destino do homem e se apresentam como momentos de transições de caráter numinoso. Eclodem como “ensinamentos, iluminações, comoções, reveses, experiências religiosas, isto é, místicas ou outro fator de natureza semelhante. [...] O caráter numinoso de tais experiências consiste em que a pessoa se sente subjugada por elas”. Assustadora sugestionabilidade se encontra “na base dos movimentos psíquicos das massas”. O Nacional-Socialismo de todo um povo se configura como a “busca de uma experiência mística totalizante!”. (JUNG, 2013, § 274, 275).

Ao estudar características do Nacional-socialismo Jung se reporta a semelhanças com movimentos religiosos cujo surgimento datam desde 622 d.C. e cita o comunismo como exemplo de movimento que teve a pretensão de instaurar o paraíso na terra. E em seus estudos sobre introversão e extroversão ele exemplifica como característica negativa da filosofia nazista da Alemanha, o fato de considerar a introversão “um delito grave contra o sentimento comunitário”. Ao passo que o Oriente via na extroversão um apetite ilusório e enganador que culmina “na soma dos sofrimentos do mundo”. A análise de Jung sugere uma perspectiva de encontrar, estudar e compreender nos processos históricos da humanidade, a presença e a influência de movimentos religiosos e políticos que se entrelaçam a partir de objetivos de conquista e dominação de territórios físicos, religiosos e sociais. Um processo psíquico de manipulação das massas com objetivos de apropriação de poder. “Estamos, de fato, mais protegidos contra as más colheitas e epidemias do que contra nossa miserável inferioridade espiritual, que parece oferecer tão pouca resistência às epidemias psíquicas” (JUNG, 2013, § 770, 778).

### **3.3 O Nacional-Socialismo**

Considerando a busca do homem pela totalidade na perspectiva da inteireza Jung (2014, § 453), viu nesse caminho a “inclusão do espírito sombrio, e que este último até mesmo representa uma causa *instrumentalis* da individuação salvífica. Numa completa inversão desta meta do desenvolvimento espiritual [...], o nacional-socialismo destruiu a autonomia moral do homem” para impor o totalitarismo estatal. O poder do espírito sombrio está relacionado com a estrutura psíquica que comporta o bem e o mal e, se considerarmos que o ser em si não consiga superar o poder do espírito sombrio, num posicionamento contra si-mesmo, permanecendo inconsciente; e os dirigentes de uma nação optarem por pregar suas teorias e dogmas, desconsiderarão a alma humana e seu poder de realização.

“A reação necessária e da qual o inconsciente coletivo precisa se expressa através de representações formadas arquetipicamente. O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra” (JUNG, 2014, § 45). No seu empenho em estudar e analisar a personalidade de Hitler, um estrangeiro que se infiltrou no processo político e religioso da Alemanha com furor e desejo de dominação, Jung investigou o contexto social de um povo que apresentava certo complexo de inferioridade. Citando Goethe, Heine e Nietzsche, ele declara que não era o primeiro a se reportar a esse sentimento dos alemães e que o “sentimento de inferioridade nunca é injustificado” (2012, § 417).

O povo alemão não se teria deixado convencer (a não ser algumas poucas exceções inexplicáveis) pelos gestos de Hitler tão ridículos e patéticos, ou seja, tão manifestamente histéricos e pelos seus discursos prolixos, se a sua figura, que a meus olhos parecia um espantalho psíquico (com um braço estendido à semelhança de um cabo de vassoura), não refletisse a histeria geral dos alemães. [...] No rosto desse demagogo se podia ler uma triste falta de formação que produziu uma presunção delirante, uma inteligência mediana dotada de astúcia histórica e uma fantasia de poder adolescentes. (Ibid., § 419).

O sentimento de inferioridade de uma coletividade, até mesmo de um povo, surge de diferentes experiências no âmbito coletivo, e carrega o peso de um confronto discriminatório entre diferentes segmentos intergeracionais. Se é um sentimento pessoal, seja a partir de uma percepção negativa de si mesmo, seja de circunstâncias de vida decorrentes de vivências sofridas, de uma falta, do não reconhecimento do valor pessoal e da própria capacidade de realização; se instala no contexto coletivo como um contágio que se alastra e se densifica também na noção de pertencimento. Gerando no indivíduo sentimentos contraditórios de defesa ou de agressividade.

A Alemanha, um país com destaque no contexto cultural da Europa, ao escutar os apelos do inconsciente, deu lugar ao retorno de Wotan<sup>13</sup>, o deus da tormenta e da efervescência, o errante, o agitador, transformado pelo cristianismo em demônio. Considerando os fatores políticos, econômicos e psicológicos, demasiado humanos; e analisando conteúdos mitológicos capazes de provocar reações e manifestações de fé e admiração por alguém que personifique poder e esperança; e a crença na causalidade divina para situações e acontecimentos humanos, Jung (2012, § 385), diz: “Atrevo-me a proferir a heresia de que o velho Wotan, com seu caráter

---

<sup>13</sup> O primo germânico de Dionísio, nascido de um inconsciente coletivo no decurso da Primeira Guerra Mundial. O deus ao qual Nietzsche se referia e deu o nome de Dionísio era na realidade Wotan, inspirador dos jovens que celebravam sacrifícios pagãos de cordeiros. (JUNG, 2012 § 44). Na mitologia Nórdica Wotan é Odin, irmão de Vili e Ve. Os três irmãos mataram o gigante Ymir e das partes do seu corpo criaram a terra e toda sua organização, criaram a mulher, o sol, a lua e o arco-íris para alcançar a morada dos deuses. (BULFINCH, 2018, p. 338-340).



abissal e inesgotável, é uma explicação bem mais acertada do nacional-socialismo do que todos os outros três fatores reunidos”. Jung me faz recordar a crença muito conhecida e utilizada ainda hoje, de que “tudo está nas mãos de Deus”; Ele resolve tudo de acordo com Sua vontade suprema, “escrevendo certo com linhas tortas”; um poder inquestionável e soberano que lhe é atribuído, de regular o destino dos homens, tornando-se Senhor e articulador da história de povos, nações, e mesmo das pessoas.

Tal raciocínio conduz o ser humano a transferir a origem de todos os acontecimentos, sejam pessoais-individuais ou coletivos, a uma causa exterior com poder de manipular os desejos e as decisões humanas. Ainda na impossibilidade de reconhecer causalidade na criatura individual e social, surge a crença conciliatória e apaziguadora de que Deus está dentro de si, no interior de cada pessoa, a orientar o seu destino e as suas decisões. Tal reflexão leva ao conceito de Jung sobre a Divindade, considerando que Deus contém o bem e o mal e se de outra forma fosse, a divindade não reconheceria nem acolheria a “plenitude da vida, que é bela e feia, boa e má, ridícula e séria, humana e inumana” (2015, p. 150). E se Deus é a causa de tudo, é também a consequência do bem e do mal.

A ação do mito, potencializada na crença em Wotan, o errante, se incorpora como desencadeador da tormenta, redespertando de seu sono e alimentando uma nova atitude do povo alemão perante a sua história. “Mudanças decisivas na história são em geral atribuídas exclusivamente a causas externas. Parece-me, entretanto, que as circunstâncias externas frequentemente servem apenas como ocasiões para que uma nova atitude em relação à vida e ao mundo, por muito tempo preparada no inconsciente, torne-se manifesta” (JUNG, apud GEWEHR, 2015).

Esse inconsciente, que Jung chama de inconsciente suprapessoal ou coletivo, é para ele, um espírito “onipresente” e “onisciente” que a tudo impregna. E conhecendo o ser humano como ele sempre foi e não como é agora, em determinado exato momento de sua vivência, conhece-o como mito. E a relação com o inconsciente “vem a ser uma expansão do ser humano para além de si mesmo, uma morte de seu ser pessoal e um renascer para uma nova dimensão, segundo nos informa a literatura de certos mistérios antigos”. Jung chama a atenção para a diferença entre fantasias mitológicas e ideias hereditárias. Estas são possibilidades inatas de ideias que não geram conteúdos, apenas imprimem determinadas configurações a conteúdos adquiridos. Jung compara o inconsciente coletivo com um pano de fundo onde se destaca a função de adaptação do consciente, “o mundo do passado, animado pela unilateralidade da atitude consciente”. (JUNG, 2013, § 13-14, 20,21).

A relação do inconsciente com o consciente, uma função transcendente, é complementar ou compensatória. O inconsciente “contém todas as combinações da fantasia que ainda não ultrapassaram a intensidade liminar e, com o correr do tempo e em circunstâncias favoráveis, entrarão no campo luminoso da consciência” (Ibid., 2013, § 132). Os deuses personificam forças psíquicas que mobilizam sentimentos e ambições ao ponto de dirigir e alimentar os desejos e aspirações de um povo. Têm o poder de despertar e canalizar crenças mobilizadoras de multidões e de levá-las ao delírio. E para isso é preciso a ação de um líder que represente tais desejos e aspirações. Cercando-se de pessoas que satisfaziam às suas aspirações e desejos de poder sobre os povos do seu tempo, a atuação de Hitler foi capaz de levar seus seguidores ao delírio, elegendo-o como o salvador.

### 3.3.1 A Máquina da propaganda nazista

Figura 5 – Cabo Hitler, membro da infantaria na Primeira Guerra.



Fonte: Superinteressante. 07-06-2018.

A capacidade de Hitler no manejo das multidões a seu favor, deu respaldo para uma base de propaganda nazista capaz de manipular o povo e criar um terreno fértil para a constituição do mito do homem, acima de sua própria humanidade. O caráter superlativo de Hitler, a construção e personificação do *Führer* dotado de uma autodisciplina e de uma vontade forte, deu-lhe ensejo para a criação do novo Reich alemão. A máquina da propaganda nazista oferece ao povo alemão e ao mundo a imagem de um Hitler bondoso, que se comove com o sofrimento, com a presença de crianças e se aproxima delas e chora de emoção. Que se mantém

na simplicidade de um jovem idealista, fundador de um partido, e com a postura de um trabalhador. Qualquer semelhança com a política contemporânea não é mera coincidência.

A imaginação do cidadão comum idealizou um Hitler incorruptível, que se sacrificava pelo bem de todos. Langer (2018, p. 47), citando Henry A. Phillips traz um exemplo de como a propaganda pró Hitler se aproveitou das crenças populares, divulgando a dramática confissão de um jovem nazista. “Eu morreria por Hitler, mas não trocaria de lugar com ele. Ao menos, quando acordo de manhã, posso dizer: ‘Heil Hitler!’ Mas esse homem, ele não se diverte na vida. Sem fumar, sem beber, sem mulheres! Só trabalho, até ele adormecer à noite!”. É evidente a forma como Hitler dominou a boa-fé de seus seguidores, apresentando-se como um ser superior, o escolhido, que não se divertia, desdenhava o luxo, não tinha vícios nem se dava o direito a qualquer prazer pessoal. No papel do herói sacrificado pelos ideais de nobreza e pela nação, ele conquistou a admiração da juventude e de todos que desejavam uma Alemanha feliz e não tinham como conquistar, não se sentiam capazes de lutar pelo ideal do bem comum.

Como uma nação avançada e altamente culta como a Alemanha pôde ceder à força brutal do nacional-socialismo tão rápida e facilmente? Por que houve tão pouca resistência séria à tomada nazista? Como pôde um partido insignificante da direita radical ascender ao poder com subtaneidade [sic] tão dramática? Por que tantos alemães fracassaram em perceber as consequências potencialmente desastrosas de ignorar a natureza violenta, racista e assassina do movimento nazista? (EVANS, 2010, p. 23).

Tudo isto e a força criadora de um homem obcecado pelo poder, foram construídos no curto espaço de tempo de sua vida pública? Foi a esta indagação que Jung se dedicou a responder em suas análises sobre o nazismo como um processo histórico que se forja a partir de uma sucessão de fatos ao longo da história de um povo ou de uma nação, e não como um fenômeno localizado em um dado momento da história da Alemanha. As sociedades, na vivência do *zeitgeist*, precisam de líderes para realizar os seus desejos, as conquistas que darão segurança e paz coletiva, confiam naqueles que se apresentam como capazes para atender a tais expectativas.

### 3.3.2 O nazismo no imaginário popular

Hitler, um dos personagens da história mais discutidos desde o final da Segunda Guerra<sup>14</sup> Mundial, tem despertado diferentes tipos de ideias e temores a respeito da volta do Nazismo e, até mesmo, da possibilidade de que Hitler estivesse vivo em algum lugar do planeta.

---

<sup>14</sup> Cf. Anexo B. Mapa conceitual da Segunda Guerra Mundial.

Por algum tempo, a falta de evidências sobre os seus restos mortais suscitou dúvidas e deu motivos para investigações a respeito do seu paradeiro, vivo ou morto. Motivando o aparecimento de teorias da conspiração veiculadas pela informação de massa, sem qualquer indício de se configurar como uma verdade histórica. O imaginário popular da América do Sul sobre o “perigo alemão”, formado desde a segunda metade do século XIX, se encarregou de informar sobre o risco que parte da América Latina corria de ser incorporada ao território alemão. Após a Segunda Guerra Mundial a difusão desse imaginário tomou outro formato, com a crença na possível formação do *IV Reich*. Estudos foram publicados sobre a atuação de imigrantes alemães no Brasil com posições políticas de inspiração nazista.

A nove mil quilômetros de Berlim, no Brasil, no interior do Paraná [...] a polícia descobriu uma nova Alemanha. [...] ‘É uma Alemanha nazista. Seus cidadãos mais importantes e protegidos são Martin Bormann e Joseph Mengele’. A nova Alemanha, [...] é presidida por seis nazistas, segundo a polícia. E é também o *IV Reich* em instalação no Brasil. Marechal Cândido Rondon fica no Noroeste do Paraná, a 590 quilômetros de Curitiba e 998 de São Paulo. O município tem 65 mil habitantes, a cidade só 7 mil. A maioria é de alemães. (JORNAL DA TARDE, apud MEINERZ1, 1968, p. 10).

Atualmente a imaginação de pessoas que não estiveram lá, pensa no nazismo como um evento extremamente danoso à sociedade em todos os setores da vida no planeta terra; sem, contudo, ter a verdadeira noção dos danos causados em diferentes sentidos, quer no seio das famílias, quer na vida pública e/ou profissional, ou na individualidade de seres que vivenciaram os horrores dos campos de concentração e do extermínio da vida nos campos de batalha. Testemunho de uma senhora brasileira.

Na minha juventude conheci um senhor idoso que foi combatente na segunda guerra mundial e vivenciava a dor de lembranças das experiências pelas quais passou. Seu sofrimento estava estampado no semblante dominado pelas feridas emocionais. As pessoas diziam: “ele tem trauma de guerra”. E eu ficava a pensar: enquanto este homem vivia angustiado pelo horror do sofrimento traumático nas trincheiras, eu, nascida em 1943, começava a dar os primeiros passos numa casa da pequena praça de uma cidadezinha do sertão baiano, onde seus habitantes sequer imaginavam o que eram os horrores de uma guerra mundial.

E ela relembrou que na fase escolar os textos utilizados pelos professores citavam fatos esparsos, narrativas desconectadas do contexto histórico-vivencial, e os estudantes não tinham ideia do que teria sido realmente esse período da história da humanidade, nem a gravidade das repercussões em nosso país e em outros da esfera planetária. Eram informados, de modo superficial, que fora um período de atrocidades motivadas pela fúria e pela ânsia desenfreada

de apropriação de direitos políticos de um homem que chegou ao topo do poder na Alemanha. “O discurso histórico dos materiais (didáticos ou não) sobre a Segunda Guerra Mundial é baseado, em sua maior parte, na memória de quem viveu o regime nazista e a experiência do Holocausto (sobreviventes da guerra e/ou ex-membros do partido nazista)” (MENDES; COSTA, 2016, p. 62).

A partir de um cuidadoso levantamento, Henrik Eberle informa que no arquivo de Moscou estão cerca de 35.000 cartas enviadas a Hitler por pessoas que demonstram seus sentimentos frente ao partido nazista, cujo surgimento e estruturação se deu na década de 1920 e ao regime de governo no período de 1933 a 1945, final da Segunda Guerra Mundial. Apesar do apoio ao *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (NSDAP)* – Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães ou Partido Nazista, era evidente a insegurança da população alemã quanto as “proposições do partido para recuperar a Alemanha da humilhação imposta pelo Tratado de Versalhes. [...] algumas cartas, além de mostrarem devoção a Hitler, mostram que as pessoas exigiam respostas e atitudes coerentes com o que ele prometia.” (DRUMOND, p. 13, 2017).

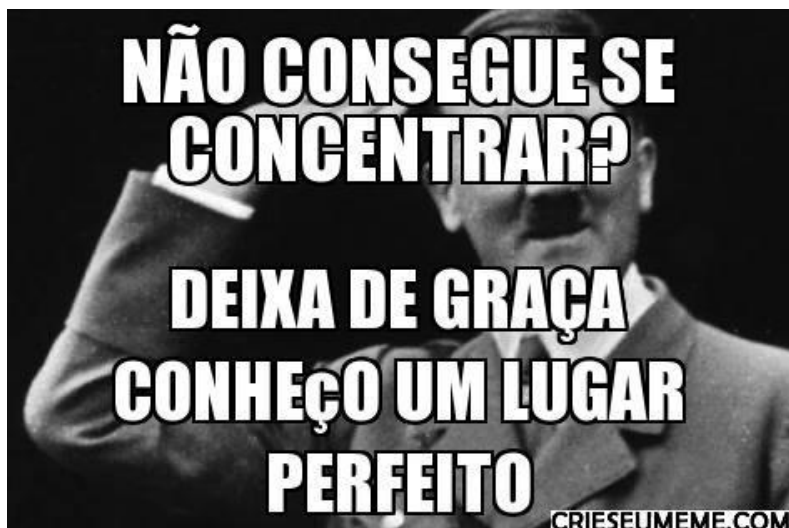
O autor cita também as cartas que continham críticas, cobranças e exigências ao governo, bem como a falta de respostas para a maioria, que tinham cunho político fortemente crítico. Algumas cartas mostram o ódio da população aos judeus e o desejo de exterminar a raça que era considerada inferior. Hitler e seus seguidores proclamavam o acerto de contas e a exclusão definitiva dos judeus do cenário alemão. As cartas que apresentam conteúdo de apoio e lealdade ao nazismo revelam “o poder que a propaganda exerceu e demonstram a força em torno da figura do líder” (Id. Ibid. p. 18-19).

### 3.3.3 Hitler no imaginário de jovens estudantes

A criatividade da juventude de nosso tempo encontra diversas formas de expressar as ideias que conseguem formular, sobre acontecimentos históricos de diferentes magnitudes. Os espaços virtuais, principalmente os *blogs* e as redes sociais, divulgam notícias, posicionamentos, críticas etc., sobre os mais variados temas da sociedade, da cultura e da história. Mendes e Costa publicaram na Revista Transversos uma significativa experiência com alunos de primeiro ano do ensino médio, de uma escola particular do Rio de Janeiro, com a utilização de “Memes Históricos” para pensar e contribuir com a difusão de conhecimento histórico. Os alunos foram orientados para que a utilização do riso e do risível não se configurasse como visões e atitudes preconceituosas e estereotipadas. No sentido de observar

quais conteúdos poderiam estar no imaginário daqueles alunos e orientá-los a estabelecer uma conexão entre a escrita textual-imagética e a linguagem formal-informal. Alguns trabalhos apresentaram o tema do nazismo com o foco em Adolf Hitler.

Figura 6 – Hitler na mira de estudantes de História.



Este meme retrata a preocupação dos alunos com a necessária concentração nos estudos. Isso lembra algumas posturas de Hitler em se isolar antes de tomar uma decisão importante, como no caso da Liga das Nações. E também, a percepção indicial da crença sobre Hitler como único causador da Segunda Guerra Mundial.

Fonte: Transversos: Rev. de História. R. J., v. 07, n. 07, set. 2016.

Figura 7 – Hitler na mira de estudantes de História.



Esta produção chama a atenção para a preocupação de Hitler com a conquista de territórios e com a necessidade de dominação política. Seu maior objetivo foi conquistar os países da Europa e dotar-se de superpoderes.

Fonte: Transversos: Rev. de História. R. J., v. 07, n. 07, setembro 2016.

Figura 8 – Hitler na mira de estudantes de História.



Aqui se vê uma crítica ao humor de Hitler, que era uma figura violenta, impaciente, dava a impressão de infelicidade, cruel, e, mesmo ao comemorar a conquista de um novo território agita-se, festeja, mas não consegue sorrir.

Fonte: Transversos: Rev. de História. R. J., v. 07, n. 07, set. 2016.

A “figura de Hitler é ridicularizada, fazendo jus à essência da ideia de meme, conforme dito, que é fazer humor e, nesses três casos, mais especificamente, sátira, sobre qualquer tipo de tema” (MENDES; COSTA, p. 61)

### 3.4 Guerra e Paz, buscas e controvérsias entre nações

A psique do europeu não esqueceu a lição da guerra, embora tenha banido muita coisa de sua consciência. Jung, 2013, v. 10/3, § 269.

Sobre a origem de uma massa que se submete ao comando de um líder destrutivo, há que considerar a possibilidade do surgimento de alguém possuidor da menor força de resistência, de menor consciência de sua responsabilidade e de sua inferioridade, com muita vontade de poder e com capacidade para comandar e angariar seguidores. A liberação das forças destruidoras inundam o consciente individual criando na mente dos indivíduos o caos e a desordem. A psicose de massa que a Alemanha abrigava em seu seio culminou na cegueira que gerou e alimentou a sede de poder destrutivo de Hitler. Os alemães não conseguiram ver em Hitler as suas próprias sombras, os seus próprios desejos, e alimentaram a desordem. A ação

do inconsciente tornou-se devastadora ao incorporar a irracionalidade coletiva e a segunda guerra eclodiu, provocando prejuízos psicológicos, sociais e econômicos de grandes proporções não somente para a Europa, como também para todo o orbe terrestre. (JUNG, 2012, v. 10/2, § 455-467).

### 3.4.1 O Tratado de Versalhes

Figura 09 – Galeria dos Espelhos, onde foi assinado o Tratado de Versalhes.



Fonte: Brasil Escola.

Assinado em 28 de junho de 1919 entre franceses, britânicos e alemães, é um referencial importante. Tendo como objetivos a promoção da paz social e a melhoria das relações de trabalho, o documento dispôs sobre a criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), com a tríplice função: política, humanitária e econômica. A paz entre as nações foi fruto de discussões durante a Conferência de Paz de Paris, com a participação de 25 países, inclusive o Brasil, liderados pelos Estados Unidos, Reino Unido, França e Itália. Foi retirado da Alemanha o direito de participar. (cf. Tratado de Versalhes).

A Alemanha e seus aliados foram considerados os únicos responsáveis pelos prejuízos causados na guerra, devendo comprometer-se a reparar todos os prejuízos. O tratado, visto como a “paz dos vencedores” impôs à Alemanha perdas territoriais, militares e financeiras, por considerá-la e seus aliados como únicos responsáveis pelos prejuízos causados na guerra (1914-1918). A insatisfação política dos alemães em virtude do Tratado de Versalhes culminou no



surgimento do Nazismo, Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, em 1920, logo após a Primeira Guerra Mundial, exigindo a revogação do tratado.

### 3.4.2 O Código de Nuremberg

Figura 10 – Alemães não compram em lojas de judeus.



Fonte: Brasil Escola.

Consequências do antissemitismo na Alemanha: o Holocausto, o discurso de ódio contra os judeus se transformou em ação com os nazistas no poder, judeus expulsos do serviço público, lojas de judeus boicotadas e atacadas, perseguição nas ruas, violência física, proibidos de casarem-se com não judeus, pedidos de cidadania negados, perda de cidadania para judeus alemães, confisco de bens, foram agrupados em guetos em algumas partes da Europa.

Leis de Nuremberg: construção do ódio contra os judeus que resultou no holocausto.

A Noite dos Cristais, 9-10 de novembro de 1938: destruição de lojas e sinagogas, ataques a residências, mortes de judeus, prisões em campos de concentração e execuções em câmaras de gás.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de Jung com o Nazismo, foco principal deste estudo, e narrada por ele mesmo, pode ser considerada como a mais fiel e justa visão de seu lugar naquele contexto. Tamanha foi a complexidade dos motivos que o levaram a se infiltrar na zona limite de um campo tão perigoso, quanto coerente para o estudo do inconsciente coletivo e do desenvolvimento da psicologia analítica, como um novo campo de ação no tratamento psicoterápico, em situações de guerras e conflitos entre nações.

Jung conseguiu, a partir de seus estudos sobre a ancestralidade do ser humano e sobre a influência dos mitos no desenvolvimento da personalidade individual e coletiva, traçar um perfil do ser em si, Hitler o Führer, aquele que assumiu o poder no terceiro Reich, o lugar de um testemunho de força bélica e estatal e, principalmente de soberania da raça ariana. A crença dominante de que as desejadas nobreza e pureza raciais dependiam da eliminação de qualquer tipo de poder e de participação política ou civil de raças impuras, como supostamente foram colocados os judeus e os ciganos, prevaleceu naquele contexto.

Fortalecido pela sua visão de mundo, configurada pela noção da conjunção entre o belo e o feio, o bom e o mau, na síntese da vida; Jung foi capaz de se arriscar à incompreensão que o lado exterior da visão de mundo fomenta. Seu objetivo era aprofundar os estudos psicológicos a partir de um contexto rico de possibilidades para uma compreensão do ser individual e coletivo, social e político, em situações de conflito de diferentes magnitudes. Encorajado pelo desejo de compreender a psique de um ser tão controvertido, quanto Hitler, Jung conseguiu tirar conclusões sobre a expansão da mente de um homem que se tornou tão admirado quanto odiado. Uma criatura que acreditou possuir poderes divinos como um enviado infalível e conseguiu se tornar realmente um imortal na história da humanidade, principalmente pelo seu poder pessoal para conquistar a admiração dos que acreditavam nele como o salvador da Alemanha e fundador de uma nova ordem social no mundo.

Ao mesmo tempo em que as suas pretensões políticas e “humanitárias” se revelaram inconsistentes, principalmente quanto ao seu suposto poder “divino” e “predestinado”, a personalidade de Hitler e a sua passagem pela história da humanidade marcou profundamente o século XX como palco de violências contra a integridade do Estado Moderno. O Partido Nazista, com suas ações destrutivas e representativas da ação de um líder equivocado política e humanamente, e principalmente na sua visão de si mesmo e de sua missão como homem

público, foram derrotadas pela resistência das forças contrárias, a partir do final da segunda guerra mundial. O poder destrutivo da crença na supremacia racial sucumbiu e a superioridade da raça ariana foi desfeita, voltando à condição de uma crença que não se sustenta no contexto de uma humanidade planetária.

## REFERÊNCIAS

ARENT, Ana. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2009.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. 10a. ed. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 1997.

GEWEHR, Rodrigo Barros. **Demônios da brasilidade**: notas para um niilismo tropical. In: Trans/Form/Ação, Marília, v. 44, n. 3, p. 343-370, Jul./Set., 2021.

BULFINCH, Thomas. **O grande livro da mitologia: histórias de deuses**. São Paulo: Madras, 2018.

DRUMOND, Jeanine Pooch de Almeida. **O nazismo na percepção dos apoiadores de Hitler**: um estudo sobre as cartas enviadas ao NSDAP e ao Estado nazista (1925-1939). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. 2017.

EVANS, Richard. **A chegada do Terceiro Reich**. Tradução de Lúcia Brito. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

FAUSTO, Boris. A interpretação do nazismo na visão de Norbert Elias. **Ensaio Bibliográfico**. Mana. 4(1): 141-152, 1998.

JUNG, C. G. **Mysterium Coniunctionis**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, v. 14/2.

\_\_\_\_\_. **A natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, RJ: 2013, v. 8/2.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e Religião**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, RJ: 2012, v. 11/1.

\_\_\_\_\_. **Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, RJ: 2013, v. 11/2.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e Religião Oriental**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, RJ: 2013, v. 11/5.

\_\_\_\_\_. **Escritos diversos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, RJ: 2011, v. 11/6.

\_\_\_\_\_. **Escritos diversos**. Prefácio da edição alemã: abril, 1963. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, v. 11/6.

\_\_\_\_\_. **Mysterium Coniunctionis**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, v. 14/1.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, v. 9/1.

\_\_\_\_\_. **Aspectos do drama contemporâneo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, v. 10/2.

\_\_\_\_\_. **Civilização em transição**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, v. 10/3.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e Alquimia**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, v. 12.

\_\_\_\_\_. **A vida simbólica** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, v. 18/2.

\_\_\_\_\_. **O eu e o inconsciente coletivo**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, v. 7/2.

\_\_\_\_\_. **Psicologia do inconsciente**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, v. 7/1.

\_\_\_\_\_. **Os Livros Negros** – Cadernos de Transformação. Petrópolis, RJ: Vozes, Livro 6.

\_\_\_\_\_. **Presente e futuro**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, v. 10/1.

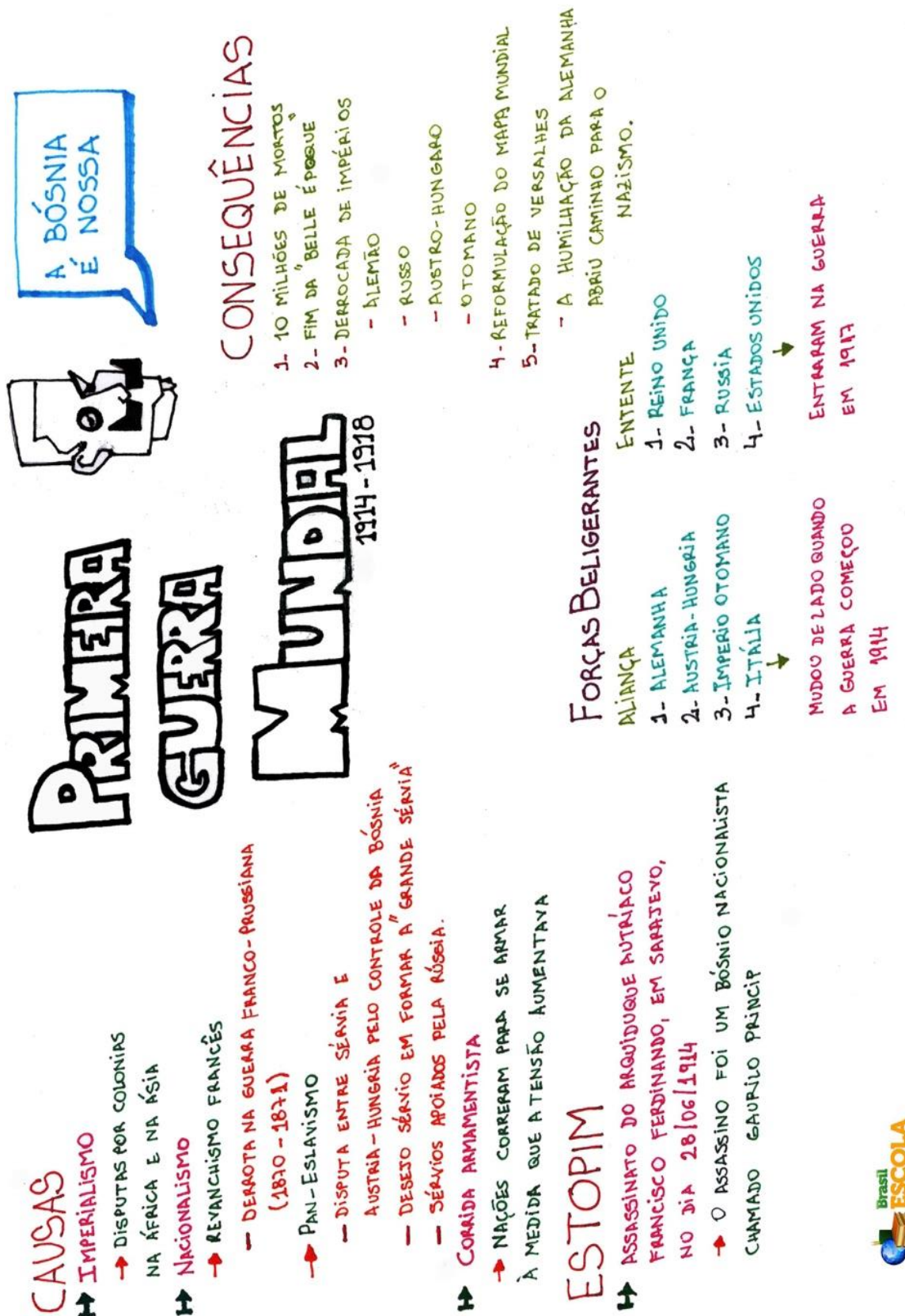
LOHMANN, Hans-Martin; ROSENKÖTTER, Lutz. Psicanálise na Alemanha hitlerista. Como foi realmente? In: KATZ, Chaim Samuel. **Psicanálise e Nazismo**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1985.

MEINERZ, Marcos Eduardo. O imaginário da formação do IV Reich na América Latina: o agente Erich Erdstein no Brasil. In: **História Unisinos**. Vol. 17 No 2 - maio/agosto de 2013. E-ISSN: 2236-1782.

MENDES, Caroline Alves Marques; COSTA, Marcella Albaine Farias da. O sequestro do imaginário e a escrita da história: o caso dos memes históricos e as recepções do nazismo. In: **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016.

SORJ, Bila. Anti-semitismo na Europa hoje. In: **Cebrap. Novos Estudos** 79, nov. 2007.

ANEXO A – Mapa conceitual da primeira guerra mundial



ANEXO B – Mapa conceitual da segunda guerra mundial

